

Ana Mattos Porto Pato



## Ana Mattos Porto Pato

Foto: Equipe CDAP/APESP



Curadora, pesquisadora e professora, assumiu em maio a Coordenação do Memorial da Resistência de São Paulo, com formação em Comunicação Social, em produção de eventos e de exposições de arte contemporânea, **Ana Pato é uma grande difusora dos arquivos, sob a perspectiva da arte.** Conhece arquivo por dentro. Sua primeira experiência aconteceu na Associação Cultural Videobrasil, onde trabalhou durante 12 anos e ingressou no universo da arte e também no ambiente labiríntico do arquivo.



*Ali fui infectada pelo “mal de arquivo” nessa instituição que possui um dos maiores acervos de vídeoarte da América Latina. Quando eu comecei a trabalhar lá, um dos projetos que realizei foi o de sistematização, organização e digitalização daquele acervo audiovisual, que, aliás, é atividade complicadíssima. Fiquei encantada com o arquivo. Ali dentro, é como se estivesse entrando por um “portal”. Fiquei encantada com o tempo dentro do arquivo, pois a gente sai de uma situação frenética e ali leva o choque, com a sensação de estar “fora do tempo”. Há um encanto nisso.*

Entretanto, o “dentro” de um arquivo é um universo. Infinito. Dedica-se à pesquisa acadêmica a mergulhar no universo da arte desde a perspectiva dos arquivos. Enxerga o arquivo por uma ótica, digamos, “invertida” ou crítica.

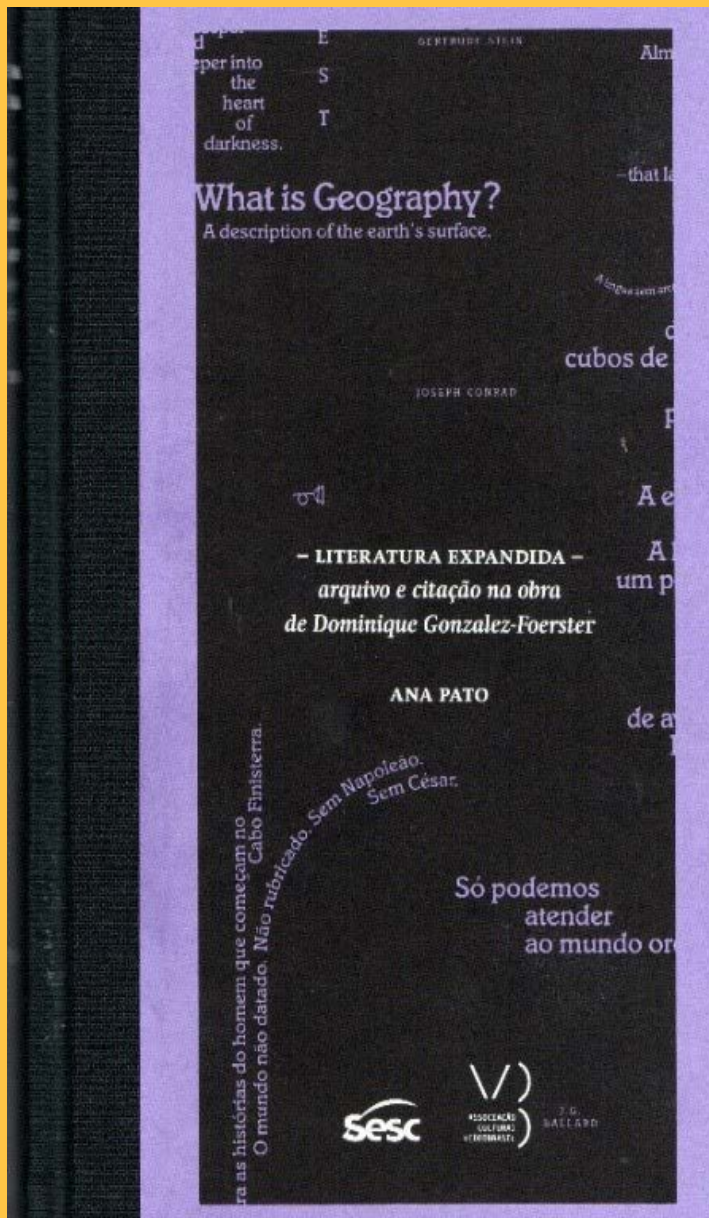


*Busco entender as relações de poder que definiam as categorias da história da arte e que se revelam na atividade de descrição, na escolha das palavras-chave, no processo de indexação. Isto me impactou muito. Começo a entender a importância da sistematização a partir da arte. Isso resulta no meu projeto de mestrado na Faculdade Santa Marcelina em que busco compreender a sistematização das informações a partir da arte.*

O protocolo de entrada de Ana Pato na discussão sobre os arquivos vem, portanto, de uma linha da história da arte.



*A história da arte há muito tempo discute o conceito de arquivo. Tem uma tradição para se pensar isto. A corrente de artistas ligada a arquivos é forte aqui no Brasil. Encontrei na bibliografia dos arquivistas uma arquivista na universidade que promove residências de artistas em arquivos. Portanto, no campo da arte, a ideia de arquivo está muito ligada à história da arte e aos conceitos de **apropriação**, **coleção** e da **citação**, que é esse uso de outras fontes, é construção de uma narrativa a partir de matéria de terceiros.*



Capa do Livro Literatura expandida: arquivo e citação na obra de Dominique Gonzalez-Foerster, de Ana Pato, editado por Sesc e Associação Videobrasil, 2012

Até que ponto podemos pensar que as práticas artísticas contemporâneas que se apropriam e “corrompem” a história dos museus constituem um modo de leitura diagramática dos arquivos dessas instituições? Nesse sentido, as curadorias das exposições de arte contemporânea cumprem um papel importante ao articular discussões em torno do próprio gênero.

Por isso, dedicaremos atenção à investigação de uma **tipologia das exposições**<sup>6</sup>, entendida como o estudo do conjunto de ações empreendidas na realização do fazer-exposição e seus possíveis efeitos na própria teoria da arte.

Contudo, embrenharmo-nos na tentativa de estabelecer relações de poder entre o museu, as políticas de preservação e os artistas representa uma empreitada que extrapola os limites deste estudo. Instigação oportuna, ela aponta para novos desdobramentos da investigação em torno de uma lógica do arquivo em arte contemporânea.

“Imagem capturada de trecho do livro “Literatura expandida...”, p. 48.

Uma das estratégias de Gonzalez-Foerster consiste justamente em transpor esse método para o campo das artes visuais. Ao servir-se, assim, de um dispositivo singular, sua prática prenuncia a possibilidade de um novo tipo de escrita: uma literatura que se expande para o espaço expositivo, não mais circunscrita à palavra ou à comunicação linguística, mas pluridimensional. Nessa hibridização de literatura e artes visuais, surge uma literatura expandida.

Artista jovem, Gonzalez-Foerster é objeto de uma bibliografia crítica ainda insuficiente. De caráter ensaístico, esta reflexão investiga como, em sua prática, as ideias de *apropriação* e *citação* respondem a uma certa intranquilidade diante do acúmulo e da impossibilidade de criar algo novo. Nesse cenário, surge a noção de um universo convertido em biblioteca ou arquivo, onde autores contemporâneos e do passado existem simultaneamente, e onde as relações que podem ser estabelecidas entre objetos guardados – e sacramentados pela prática museológica – são tão ou mais importantes que os próprios objetos.

Imagem capturada de trecho do livro “Literatura expandida...”, p. 40

**“Apropriação é compreendida como um procedimento alegórico. Corresponde ao ato de apropriar-se de uma imagem, de um texto da ou na obra de outro autor, confiscando o seu significado, esvaziando-o de seu conteúdo inicial e sobrepondo uma nova autoria às autorias originais”.**

**“A citação também corresponde ao ato de apoderar-se de coisas alheias. Seu método, porém, pressupõe a referência à fonte original”.**

(Ana Pato Literatura expandida: arquivo e citação na obra de Dominique Gonzalez-Foster, p. 42)

Para dar conta desses infinitos arquivísticos, Ana Pato recorre à filosofia e, principalmente, à arte, pois só esta pode fazer caber infinitos e gestos minimalistas e produzir uma grande arte.



*No campo da arte, muitos autores vão olhar a produção artística, a operação do artista do ponto de vista do arquivo. Tem artistas que trabalham tanto na formação de arquivos quanto na desconstrução de arquivos, na crítica ao arquivo, sempre no contexto da memória, do trauma; é nesse contexto em que a arte vai olhar para o arquivo. Esse foi o tema que trabalhei nos meus estudos e que vai desaguar no conceito de "Literatura expandida".*

Em geral, os arquivos são ambientes sisudos, muitas vezes fechados. É difícil se pensar em fazer arte a partir de algo sem qualquer apelo estético, como é o documento de arquivo. Como o artista apresenta o arquivo por meio de sua arte?



*Quem trabalha em arquivo não tem ideia da força que ele exerce sobre quem está de fora. É um pensar e um agir sobre os arquivos. O artista olha o documento para colocá-lo em movimento, esse é o potencial da arte, é mais físico. Para o artista, ele pode consultar 400 fontes e ele vai olhar uma, e aquilo vai bastar. E sobre ele fará a sua produção. Não tem nada a ver com volume, com série, é outra perspectiva.*

Os trabalhos de Ana Pato demonstram um compromisso com os arquivos e com a história do povo brasileiro. Não é, portanto, arte meramente diletante e contemplativa, mas engajada. Os seus trabalhos em arquivos baianos são bons exemplos: envolveram coletivos, soaram como um brado e deixou efetivos legados nas instituições. O mesmo perfil de trabalho transparece na exposição *Meta-Arquivo (1964-1985)*, na capital paulista.



*Identifico arquivos e acervos ou temáticas que estejam em situação de risco. Não apenas risco físico, mas de visibilidade. Os arquivos carecem de visibilidade, não só aqui no Brasil. É preciso encontrar formas de tornar os documentos visíveis. A arte tem esse potencial.*

*Fui convidada a ser curadora da 3ª Bienal da Bahia [2014] que tinha como proposta constituir um arquivo que não existia. Como pensar essa instituição a partir da prática do artista? Ali eu tive uma experiência muito importante.*

*É importante fazer esse contato com a rede de arquivos no Brasil. Temos dificuldade para localizar a documentação que é fragmentada, não é fácil ligar os pontos.*

*Me interessa fazer esses grupos de trabalho que requerem bolsas para pesquisar a documentação a partir de um tema. Fazemos uma imersão em arquivos, reunimos ali um grupo de artistas que fará contato com os documentos. O que será feito disso, é questão de cada um. O olhar de cada um é diferente. Não tem nada a ver com a exposição de documentos. Eles se expressam sob outra linguagem. Veja, na exposição *Meta-arquivo* não expusemos os documentos de arquivo, mas a alma deles está ali, as informações estão ali.*

Trabalhamos com inquéritos policiais de perseguição a pessoas negras, pesquisa sobre genocídio indígena por meio de desenhos, com a equipe de antropologia forense que pesquisa a ossada da vala de Perus, com Comissões da Verdade.

## Artista versus arquivista?



*O artista não consegue trabalhar no arquivo sem a relação de parceria. O artista termina se vinculando à instituição. Cria relação de empatia. O arquivo é muito fechado. Se chegar com empatia, as portas se fecham. Os artistas necessitam do apoio e indicações dos arquivistas, senão eles vão ficar anos procurando. Precisam de pistas. Eu não vejo conflito. Além do mais, houve muitas mudanças nos arquivos. Antes se tinha uma relação de guardião, do poder e de identificação com a instituição, não querer que aquilo seja mostrado. Isso já mudou um pouco. No Brasil, acho que a Lei de Acesso à Informação teve impacto nos arquivos. Eu não vejo apenas uma prática arquivista do artista,*

*mas uma prática historiadora. Há um interesse do artista em engajamento com a história, com um olhar para sua própria história. Proponho um processo colaborativo para entender a história brasileira.*

A entrevista com Ana Pato nos oferece uma oportunidade de convívio em um ambiente de arquivo muito particular. Inusitado. Uma visão mais expandida dos arquivos nesse seu diálogo (incômodo?) com a arte. Sim, uma relação que instiga, estimula, incomoda e nos agrada. Afinal, nos arquivos busca-se a ordem, a seriação, a vinculação implacável, o controle de vocabulário, a hierarquização rigorosa a espelhar instituições, a conservação isolacionista.

Para a *Revista do Arquivo* é uma honra abrigar em suas páginas essa grande difusora dos arquivos.



Aspecto da exposição Arquivo e Ficção na 3ª Bienal da Bahia. Imagem extraída de: <http://noosfero.ucsal.br/institucional/noticias/bienal-bahia-acervo-da-ucsal-na-exposicao-arquivo-e-ficcao>

Foto: Julio Kohl



Aspecto da exposição Meta-Arquivo 1964- 1985. Cópia de imagem extraída de matéria da Revista Arte! Brasileiros, de 13 de setembro de 2019

## Arte e arquivo: residências artísticas como ativadoras de arquivos e bibliotecas\*



Capa dos Anais do IV Seminário Internacional Arquivos de Museu

A temática do arquivo tem sido amplamente discutida no campo da arte, e artistas e curadores têm se voltado aos arquivos como fonte de pesquisa e produção. O início do século 21 impulsionou uma série de exposições e publicações dedicadas às práticas artísticas ligadas ao arquivo. Não há como negar a valiosa contribuição engendrada pelos curadores e artistas na organização de exposições, colóquios e publicações sobre o tema. Entretanto, é fundamental considerar que, para operar uma mudança na forma de organizar os arquivos, será necessário rever a posição dos arquivistas e documentalistas no campo da arte contemporânea.

Assim, para repensarmos os arquivos, as bibliotecas e seus usos, é essencial procurarmos pistas, dentro de um panorama global e transdisciplinar. É nesse entremeio que a exploração do arquivo pelo artista pode colaborar de forma bastante proveitosa, seja na valorização cultural do arquivo ou mesmo no estabelecimento de novos critérios de organização e visibilidade dos documentos e imagens do arquivo. Enquanto, para os arquivistas e documentalistas, os documentos são descritos e analisados por sua natureza testemunhal e informacional, para os artistas, os documentos possuem, ainda, a capacidade de emocionar e de problematizar. O reconhecimento dessa qualidade revela uma dimensão até então oculta para a arquivística

e tem como potencial criar caminhos para possibilitar o — dos arquivos e bibliotecas, tendo a arte contemporânea e as experiências com artistas nos arquivos como temática. (GT Arquivos de Museus e Pesquisa)

**Nesse sentido, destacamos seu comentário sobre a importância de observarmos a capacidade de emocionar e de problematizar dos documentos, revelada pelos artistas e que difere da natureza testemunhal e informacional descrita e analisada pelos arquivistas. Em suma, o objetivo da mesa Arte e Arquivo: residências artísticas como ativadoras de arquivos e bibliotecas foi discutir novas formas de exploração dos arquivos e bibliotecas, tendo a arte contemporânea e as experiências com artistas nos arquivos como temática.**

(Comentário Ana Pato. Constante dos Anais do IV Seminário Internacional Arquivos de Museu e Pesquisa, p. 151.)

\* Anais do IV Seminário Internacional Arquivos de Museu e Pesquisa: A formação interdisciplinar do documentalista e do conservador / Coordenação editorial Ana Gonçalves Magalhães... [et al.]; Textos MillardSchisler... [et al.]. São Paulo: Grupo de Trabalho Arquivos de Museu e Pesquisa, 2017.

## Mais Ana Pato

Sobre a exposição Meta-Arquivo: 1964-1985, ver:

- Canal do Bob Fernandes  
<https://youtu.be/74-5OsuWpSI>
- Revista Arte! Brasileiros (13 de setembro de 2019)  
<https://artebrasileiros.com.br/arte/exposicoes/a-pratica-artistica-como-pratica-historiadora/>

Sobre a exposição Arquivo e Ficção na 3ª Bienal da Bahia:

- Vídeo sobre a exposição:  
<https://vimeo.com/112207147>

Leia os artigos:

- Pato, A., & Bethônico, M. (2020). Perguntar é saber: Meta-Arquivo 1964-1985. MODOS, 4(2). doi:<https://doi.org/10.24978/mod.v4i2.4587>
- PATO, Ana; KOYAMA, A. C. Dossiê temático: “Diálogos desviantes no arquivo: das experimentações artísticas à educação das sensibilidades”. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2019, v.32. p.189. <http://revista.arquivonacional.gov.br/index.php/revistaacervo/issue/view/79>
- O destino incerto dos acervos policiais  
Revista Pesquisa Fapesp, 260, p. 87 a 90, de outubro de 2017.  
[https://mail.notes.na.collabserv.com/data1/22331470/22895944.nsf/0/28f12f48622fb88680665d794dcc1233/Body/M2/087-090\\_museus-de-med-legal\\_260.pdf?OpenElement](https://mail.notes.na.collabserv.com/data1/22331470/22895944.nsf/0/28f12f48622fb88680665d794dcc1233/Body/M2/087-090_museus-de-med-legal_260.pdf?OpenElement)
- Arte Contemporânea e arquivo, reflexões sobre a 3ª Bienal da Bahia  
Revista CPC, São Paulo, n.20, p.112–136, dez. 2015.  
[https://mail.notes.na.collabserv.com/data1/22331470/22895944.nsf/0/28f12f48622fb88680665d794dcc1233/Body/M3/Artigo%20Ana%20Pato\\_RevistaCPC.pdf?OpenElement](https://mail.notes.na.collabserv.com/data1/22331470/22895944.nsf/0/28f12f48622fb88680665d794dcc1233/Body/M3/Artigo%20Ana%20Pato_RevistaCPC.pdf?OpenElement)

Para ter acesso à tese de doutoramento

- Arte Contemporânea e Arquivo: Como tornar público o arquivo público?  
<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16133/tde-13062017-115843/pt-br.php>